
Mulheres de Fogo

Women of Fire

Mujeres de Fuego

*Roberta Tavares (Poeta independente, Brasil)**

<https://doi.org/10.22409/poiesis.v22i37.47256>

137

RESUMO: *Mulheres de Fogo* é o poema que dá nome ao zine (minilivro artesanal independente) de Roberta Tavares e que teve sua primeira edição em 2018, com grande repercussão e circulação na cidade de Belém e para além dela, o que levou a montagem da segunda edição em 2019, e terceira em 2020, colocando em xeque a ideia de que as pessoas não compram, não leem ou não se interessam por poesia – ideia que, segundo a poeta, talvez tenha mais a ver com monopólio de mercado editorial e suas consequências do que propriamente com a poesia em si. *Mulheres de fogo* foi o poema da publicação independente mencionada que mais se tornou conhecido, lido e declamado por diferentes mulheres em diversos lugares.

PALAVRAS-CHAVE: poesia independente; circulação e repercussão

* Roberta Tavares é poeta e historiadora afroamazônica, autora do poema *Mulheres de Fogo* publicado no zine com mesmo título em 2018. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8018-7490>. Email: robertatavares07@yahoo.com.br.

ABSTRACT: *Mulheres de fogo* is the poem that names Roberta Tavares' zine (handcrafted independent minibook). The first edition was in 2018, and after his great performance and circulation not only in the city of Belém but beyond, a second edition, in 2019 was assembled, just like the third in 2020. All this repercussion puts in check the idea that people don't buy, don't read or even are not interested in poetry. According to the poet, maybe this idea has more to do with publishing market monopoly, and its consequences than properly with the poetry itself. *Women of Fire* was the poem of the mentioned independent publication that became the best known, read and recited poem by several women of several places.

KEYWORDS: independent poetry; circulation and repercussion

RESUMEN: *Mulheres de fogo* es el poema que da nombre al zine de Roberta Tavares (un minilibro artesanal independiente) y que tuvo su primera edición en 2018, con gran repercusión y circulación en la ciudad de Belém y más allá, lo que llevó a la segunda edición en 2019, y la tercera en 2020, poniendo en jaque la idea de que la gente no compra, no lee o no está interesada en la poesía - una idea que, según la poetisa, quizás tiene más relación con el monopolio del mercado editorial y sus consecuencias que con la poesía en sí misma. *Mujeres de Fuego* fue el poema de la publicación independiente mencionada que se hizo más conocido, leído y recitado por diferentes mujeres en varios lugares.

PALABRAS-CLAVE: poesía independiente; circulación y repercusión

Citação recomendada:

TAVARES, Roberta. *Mulheres de Fogo*. *Revista Poiésis*, Niterói, v. 22, n. 37, p. 137-149, jan./jun. 2021. [<https://doi.org/10.22409/poiesis.v22i37.47256>]



Este documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (CC-BY-NC) © 2021 Roberta Tavares

Mulheres de Fogo

Mulheres de fogo

Tu não sabes, mas eu sou aquelas mulheres de fogo
São aquelas mulheres de fogo o meu respirar

Essas mulheres de fogo do passado e do presente
Que pairam no escuro limpo de minha visão
Quando a insônia vem me lambe as espinhas

São essas mulheres de fogo o meu eu encarnado
Aquele visão a me socorrer na solidão da madrugada

Eu sou Tomázia coberta de véu de água
Eu sou Lourença trazendo na face pálpebras de lua
Sou Adelaide acendendo velas de folha
Sou Marilda com olhos acessos de gruta

E quando me vês passar por aí não entendes
Eu carregando comigo essas mulheres
Todas elas de fogo, cor de tisna

E quando me vês andando por aí
A olhos nus não notas eu carregada por elas
Porque em mim caminham todas essas
Mulheres do passado e do presente

Poema para não morrer

É preciso não morrer
Ainda que queira se antecipar o domingo
Para corroer nossa possibilidade de alegria

Ainda que queiram esses poderes
Decepar o canto dos pássaros
Secar os jarros de águas postos na mesa
& extinguir as árvores de esperança

É preciso não morrer nesta tarde

Por mais que andem esses
Homens de togas e torturas
Esses homens de togas
& traças a destilar seus
Turvos ódios sobre nós

Nesta tarde como nunca
É preciso não morrer

É preciso não morrer essa
Noite nem na manhã seguinte
É preciso não morrer nunca mais

Não morrer para nós
Como ato de subversão
Por isso é preciso

É preciso não morrer

Porque é preciso tecer os dias que virão
Como uma tecelã de sangue e pele preta
É preciso tecer o amor novamente

Porque vida e amor é tudo que eles
Querem apartar de nós e sabemos
Bem que estarmos vivas e insistir no amor
É contrariar as estatísticas onde eles
Esperam nos jogar

Por isso decidimos não morrer jamais
Como também não morreram aquelas outras

Que aqui estiveram antes de nós
Bem antes num tempo d'ante tempo antigo

E embora eles não saibam ou finjam não saber
Que as carregamos conosco em nossas entranhas
Por isso decidimos que a partir de agora como elas
Também não morreremos mais, nunca mais.

Averequete em guma

Para mãe Lulu e para todos os integrantes do terreiro de Tambor de Mina Dois Irmãos no Guamá, o templo mais antigo da Afro religiosidade fincado em terras amazônicas.

Tudo brilhava
Luzindo a azul
A branco e amarelo

Chegou Verequete
No templo sagrado
De Tempo antigo
Da mina nagô

E todos ali
Pediam sua benção
Deitando em seus pés
Saudando o vodum

Vodúnsi mãe Lulu
De passos longínquos
Trazia em sua cabeça
O Nobre vodum

De passos longínquos
mãe Lulu vodúnsi
Trazia em sua cabeça
O clã Quevioossô

E todos vieram pedir
Sua benção, deitar
Aos seus pés
Prestar devoção

Passou verequete
De mãe para filha
Num sopro divino
Ao som do tambor

Minero ê, minero ô
Verequete chegou
Verequete chegou

Chamou Averequete
Na guma ê ô
Voduns e fidalgos
De Mina nagô

Vararam oceano
Trazendo Ewe-fon
Trazendo acesa
A luz do Benin

Toy Verequete
Tói Averequete
Abrindo o terreiro
Da Mina-nagô

Não foi a Bahia
Não foi meu senhor
Nem mesmo a Corte
Portal que alastrou

Nossa divindade
Da Costa da Mina
Varou oceano e
Aqui aportou

Foi o Maranhão
Foi sim meu senhor
São pedras profundas
Da Mina Nagô

Benin, Daomé
Do jeje ao fon
Portal Maranhão
Na Amazônia plantou

Na Agontimé, Ambrosina
Josina, mãe Lulu!
Mulheres vodunsis
Da mina nagô

Vararam oceano
Trazendo Ewe-fon
Trazendo acessa
A luz do Benin

Toy Verequete
Toy Averequete
Chefe de terreiro
De Mina-nagô

Terreiro Dois Irmãos dia 19 de março de 2019

Esquiva

Daqui de dentro
Desmorono-me
Sussurro em mim mesma
Nesses altares de pedras vazias
Donde ventos vêm me lambar
Donde me esquivo
Esguia
Solta
Feito canto ensandecido
Feito grito de pedras de cal
Feito nódoas de lã
De leito jazigo
De poema cravado
Num largo donde a bacurau
Sangra vozes de esperar manhãs

28/01/2018

Marilda

Nome de fonte
de córregos
de cheiro de matos
cujas mãos fazem
rebentar a vida

Nesse nome vivem
imagens de várzeas
furos, rios, igarapés
pássaros que cantam
pela noite anunciando
um amanhecer

Faustiniando o tempo

Sinto que o tempo
presente me emagrece

me consome os ossos
a sola dos pés

me perfura
com seus gládios
afiados pontiagudos

sinto que o tempo
presente me apavora

corrói as estrofes
desversadas do corpo

a púbis desabitada
para oferenda felina

sinto que o tempo
presente me consome

eu sinto que o tempo
presente me consome

Não venho só

Venho varando de quilombos
Venho do ventre de mulheres que costuraram
Liberdades com retalhos
Eu não venho só
Trago comigo outras mulheres
De peles pretas reluzentes como a noite
& costuraram com retalhos as alforrias
Reluzentes d'outro tempo essas mulheres
& que tanto quanto a noite reluziam
Eu venho do ventre dessas mulheres que
Costuraram liberdades de retalhos
Não mexa comigo
Porque sou uma dessas costuras
De insistentes liberdades
& não venho só

01/03/20

